

O Vôo do Arado : objetos, croquis, textos, fotos e filmes

À entrada da exposição, um arado, como um pássaro enorme, suspenso no ar. Separado da terra, descontextualizado, o instrumento de trabalho agrícola vira escultura em madeira e algum ferro, forma admirável de imponente dimensão. Não importa ainda que seja um tipo específico de arado - o quadrangular, com suas rabiças, aivecas, rodas e seu temão - porque é a própria metáfora emblemática, e enigmática, do título da exposição que se exhibe pela primeira vez. Os responsáveis pela concepção d'*O Voo do Arado*, a exposição - Joaquim Pais de Brito, antropólogo e diretor do Museu Nacional de Etnologia, de Lisboa; Benjamim Pereira, integrante da equipe do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, do Porto, que iniciou em 1947 a coleta de instrumentos agrícolas - não escondem o deslumbramento com a forma de objetos, fotos e filmes que escolheram exibir, para além de sua capacidade de evocação da história da sociedade rural portuguesa.

Na exposição *O Voo do Arado* são exibidos 257 utensílios, alfaias ou instrumentos agrícolas. O catálogo das peças, com legendas (descrição, local e ano da coleta, dimensões e origem da coleção) ocupa as últimas 60 das 658 páginas que compõem a coletânea de textos ilustrados¹, que deverá permitir que a exposição permaneça, se insira no « tempo longo » que é um de seus temas principais.

O Museu Nacional de Etnologia é um caso de altíssima invenção de espaço interior. A cada exposição, o espaço é transformado e, a tal ponto, que se tem a sensação de perda dos indícios anteriores de orientação. A esta versatilidade no tratamento de um reduzido espaço interno contrasta o aspecto anódino da arquitetura exterior : um prédio retangular cinzento, pousado diretamente no solo, em área rica de Lisboa - entre a Torre de Belem, à beira do Tejo, e o bairro do Restelo - mas situado em pequena clareira de construções, estranho hiato da urbanização. Coisas que surpreendem um olhar brasileiro acostumado à associação entre museu, prédio histórico, monumento arquitetônico ou arquitetura monumental. À invenção espacial interna e ao despojamento do aspecto exterior do Museu, o empreendimento *O Vôo do Arado* comporta outras várias articulações, em seguida comentadas.

¹ Brito, Joaquim Pais de ; Baptista, Fernando Oliveira e Pereira, Benjamim (coord.) - *O Vôo do Arado*, Museu de Etnologia / Instituto Português de Museus/ Ministério da Cultura, Lisboa, 1996

Articulação entre gerações. Benjamim Pereira participou da iniciativa histórica de Jorge Dias, criador « em moldes modernos, da antropologia portuguesa »; Joaquim Pais de Brito faz parte da geração que deixou Portugal para não servir no exército colonial na África e iniciou estudos de antropologia na França. Na apresentação d' *O Voo do Arado*, Joaquim Pais de Brito presta homenagem a Jorge Dias e a sua equipe, lembrando pesquisas sobre técnicas tradicionais do mundo rural e sobre comunidades agropastoris. Relembra também outra articulação, entre «campos disciplinares distintos» , a da cooperação dos etnólogos fundadores com os linguistas Manoel de Paiva Boléo e Lindley Cintra e com o geógrafo Orlando Ribeiro.

A presença dos trabalhos precursores realizados, ou inspirados, por Jorge Dias se materializa na maioria das peças exibidas, nas reproduções de cuidadosas « fichas de campo » do Centro de Estudos de Tecnologia, nos *croquis* de Fernando Galhano e nas precisas legendas do inventário. E, ainda, nos textos de Benjamim Pereira sobre instrumentos agrícolas e fertilizantes naturais (Pereira 1996 : 161 - 217), em que a melhor erudição se alia a capacidade de evocar , com simpatia e nenhum sentimentalismo, gestos e hábitos de tipos populares.

A exposição, à primeira vista

A organização material do *Voo do Arado*, exposição, obedece a sucessão temporal de operações que se estendem da preparação do solo e do plantio à colheita e à estocagem. Em « Coerência, incerteza e ritual no calendário agrícola » (Brito 1996 : 218-229), Joaquim Pais de Brito analisa dimensões naturais e culturais daquela sucessão numa sociedade rural tradicional. O texto ensina também a *ver* objetos e práticas - como o espantalho em forma de « caravela »; as máscaras usadas nas festas do inverno; o enfeitar, com ramos de flores, animais e máquinas - que talvez passassem por sinais indecifráveis. Mas, ao entrar na primeira sala da exposição, não é do detalhe a imagem forte que se retém. Só aos poucos o olhar se acostuma a grande quantidade de arados, charruas, enxadas, grades, instrumentos de adubação e de tração animal. De início, é preciso conter a tensão vertiginosa que provocam tantas áreas geográficas e tantos períodos históricos evocados pelos objetos. E conter também a vontade de não perder nada da mestria técnica de carpinteiros, ferreiros e cesteiros.

Na segunda sala, um anexo provisório instalado sob uma tenda de plástico, concentram-se instrumentos ligados à ceifa, à debulha e ao armazenamento. Certos

instrumentos de trabalho, como os trilhos usados na debulha - pequenas tábuas parcialmente cravejadas de lascas de sílex ou de pedras de basalto - fazem pensar na redescoberta da arte primitiva pela escultura erudita contemporânea. E, logo em seguida, as primeiras máquinas agrícolas industriais - motocultivador, debulhadora, locomóvel, ceifeiras. Com suas cores primárias - vermelho, amarelo, preto - acabam tendo « algo de brinquedo », como diz Joaquim Pais de Brito. Um dia, ele imagina, as máquinas talvez tornem-se objeto de representações semelhantes às que « na soleira de uma porta ou no interior de uma escola de aldeia, os miúdos constroem, com vaga e atenta preocupação de escala, as miniaturas de arados e carros de bois... » (Brito 1996 : 23). As máquinas agrícolas industriais vêm de coleções do Instituto Superior de Agronomia, de Lisboa, e do Museu de Alfaia Agrícola de Estremoz.

A associação de antropólogos de diferentes gerações com pesquisadores do Instituto Superior de Agronomia inscreve-se ainda no contexto das articulações. Tres agrónomos compartilham a organização do empreendimento múltiplo *O Voo do Arado* : Fernando Oliveira Baptista, co-responsável pela coordenação científica ; Manuel Belo Moreira e Fernando Lourenço participaram da coordenação técnica. Além das atividades tradicionais - « recolha, interpretação, conservação e exibição » -, esta nova articulação viabilizaria que o museu também constitua « lugar a partir do qual se pode pensar, como acto do presente ». No caso preciso, criar condições para discutir a « reformulação, produção ou invenção de novos sentidos e usos do território, por seus habitantes, frequentadores e fruidores » , segundo expectativa do diretor do Museu Nacional de Tecnologia.

Mudanças recentes nos campos portugueses : a coletânea de textos

Para se entender as razões desta expectativa, é preciso ter idéia da extensão das mudanças recentes ocorridas nos campos portugueses. Em « Declínio de um tempo longo », artigo de abertura da coletânea *O Voo do Arado*, Fernando Oliveira Baptista analisa as linhas gerais do processo de dissociação entre agricultura, espaço e sociedade rural.

Entre 1950 e 1990, houve grande diminuição da população ativa na agricultura portuguesa. Em 40 anos , passou de 48 a 10 % da população ativa total. Neste período, a generalização do uso de tecnologia químico-mecânica acompanhou-se da redução de horas de trabalho necessárias para a produção agrícola e da alteração nos ritmos da

atividade produtiva. Ao mesmo tempo, perderam importância certos saberes² e foram «desaparecendo os momentos rituais de sociabilidade, que acompanhavam as malhas, as descamisadas do milho, a vindima e a pisa das uvas, a matança do porco ... » (Baptista 1996 : 44).

Este panorama de mudanças demográficas, tecnológicas e de definhamento de práticas rituais, não antecede qualquer lamento : « A gente só tem saudades porque sabe que aqueles tempos não vão voltar », declarava um velho emigrante que também fora agricultor na sua terra e *ratinho* (trabalhador sazonal) no Alentejo. Os homens e mulheres que sofreram a penosidade da ceifa, do trabalho junto da enfardadeira e debulhadora fixas, a violência da vindima e da monda dos arrozais ou do esforço desmesurado da cava da vinha não lamentam a transformação do trabalho agrícola » (Baptista 1996 : 44).

Este despreendimento, se for a palavra mais adequada, é o mesmo que sugere Fernando Oliveira Baptista quando propõe que se adotem novos modos de pensar os usos do espaço territorial português que, com pouco sobressalto, já passou por enormes mudanças.

Ao diminuir, a população ativa na agricultura alterou também sua composição. Os assalariados já não são mais a componente majoritária e é com trabalho familiar que cultiva-se a maior parte da superfície agrícola do país. Além de adotarem inovações tecnológicas visando o aumento da produtividade, as unidades de produção familiar diminuíram as áreas anteriormente cultivadas. A partir dos anos 60, também « ganhou grande expressão o número de famílias agricultoras que têm rendimentos exteriores às unidades de produção agrícola, seja porque uma parte dos membros da família trabalha fora da exploração, seja porque têm acesso a rendimentos de outras origens como, por exemplo, dinheiros da Previdência, subsídios ou remessas da emigração » (Baptista 1996 : 46)

A parte da agricultura no PNB caiu de 28 a 5 %, entre 1950 e 1990. No mesmo período, a produtividade por hectare cresceu aproximadamente 3%, mas este aumento ainda ficou muito aquém do registrado em outros países. Por um lado, agravou-se a

² Já não se necessita mais a « destreza dos ceifeiros e a perícia dos malhadores »; a « ciência de fabricar estrume » é menos utilizada; o « conhecimento dos mistérios de fazer vinho é inútil, pois o contacto com as uvas acaba, agora, com a sua entrega na adega cooperativa ou na firma industrial. Vão-se esquecendo as artes do tear, os segredos de fazer pão, o manejo das carnes de porco e o fabrico dos enchidos ».

dependência de Portugal em produtos de origem agrícola e, por outro, os produtos portugueses permaneceram pouco competitivos no mercado externo. Em 1986, quando Portugal integrou-se na União Européia, o país passou a seguir as orientações da Política Agrícola Comum, que privilegiam unidades de produção consideradas mais competitivas e propõem a outros setores que convertam-se em áreas florestais ou adotem sistemas de produção extensivos.

Face a estas políticas, e a outras condições desfavoráveis particulares a Portugal, Fernando Oliveira Baptista teme que o país venha a transformar-se num espaço onde só restem « algumas pequenas ilhas de agricultura intensiva»: o « déficit em produtos alimentares tenderá ainda a aumentar. Vão também sobrar mais homens da produção agrícola. Uma parte pode continuar nas suas aldeias, mas largamente dependentes dos subsídios da Política Agrícola Comum (...). Outros podem ser tentados pelas cidades e os mercados de trabalho de outros países da União Européia. Este é, afinal, um destino, antes trilhado por muitos e onde os esperam as tarefas mais penosas e pior remuneradas que, muitas vezes, partilham com emigrantes de países africanos e asiáticos » (Baptista 1996 : 52).

É diante desta perspectiva sombria que Fernando Oliveira Baptista propõe que se pense o espaço como uma questão autónoma. Neste espaço já alterou-se muito a relação dos homens com a floresta ³ e, quando se avaliam as principais tendências da relação rural/ urbano, ressalta o movimento desigual, mas generalizado, de atenuação da ruralidade. A estas mudanças, acrescentam-se as que derivaram do fim do regime de ditadura, em 25 de abril de 1974, como a revitalização de instâncias político-administrativas locais e as transformações decorrentes da extensão às pequenas cidades de escolas e de centros de saúde; do adensamento da rede de transportes e dos serviços de telecomunicação; do avanço da eletrificação, permitindo o acesso a novos equipamentos domésticos, etc. E, neste processo de reconfiguração da sociedade rural, não é mais a agricultura que estabelece sua vitalidade (Baptista 1996 : 66).

Talvez ainda possa constituir um último capítulo apenas provisório o da retração de áreas cultivadas, da mudança na relação com espaços florestais e do abandono de terras, tendências que os subsídios da Política Agrícola Comum vieram reforçar. Em todo caso, houve um penúltimo capítulo que contrariava estas tendências, pelo menos na região sul

do país, o Alentejo. Em 1975, os trabalhadores agrícolas alentejanos « desencadearam o movimento de ocupação de terras, se organizaram em unidades colectivas de produção e concretizaram a Reforma Agrária ». Conquistavam um emprego permanente auto-gerido, aumentavam as superfícies cultivadas, criavam um laboratório de experimentação de produtividade com tecnologia químico-mecânica combinada a formas coletivas de organização do trabalho. A terra permanecia o suporte indispensável para alcançar estes objetivos. Mas, a partir de 1977, « iniciou-se uma nova fase que se traduziu na destruição da Reforma Agrária » e num Alentejo « em que voltou a triunfar a grande propriedade » (Baptista 1996 : 72).

O despreendimento seria agora necessário para se « refazer a relação da sociedade com o território, numa perspectiva que associe o cuidado com as condições de vida e trabalho das populações nele disseminadas, a conciliação do processo produtivo com a protecção da natureza, a reavaliação dos actuais caminhos da agricultura, e que responda às funções que, a par da tradicional produção agrícola e florestal, hoje se desenham para o espaço : ambiental, recreio e acolhimento para os que aí pretendam viver, permanente ou temporariamente » (Baptista 1996 : 74).

O Voo do Arado em sua tríplice dimensão - exposição, coletânea de textos ilustrados e catálogo - atualiza a vontade de « refazer a relação da sociedade com o território ». Os artigos da seção « Retratos localizados de mudanças » se sucedem, por ordem geográfica, do Norte em direção ao Algarve. Foram escritos por investigadores de treze instituições de ensino e de pesquisa de Portugal e três, da França. Além de lembrarem mais uma vez o carácter congregador do empreendimento *O Voo do Arado*, revelam um consistente mapeamento regional. São textos perpassados pelo empenho com os problemas descritos, pelo compromisso com as situações analisadas e, algumas vezes, por lucidez e paixão, que levam também à invenção no modo de escrever.

Objetos, palavras e imagens

De certa forma, a invenção do espaço da exposição foi movida por processo semelhante de identificação, no caso, com os instrumentos agrícolas. Para o etnógrafo Benjamim Pereira, arquiteto da exposição, foram os objetos que *ditaram* a linguagem d' *O Voo do Arado* . Visitando a exposição uma última vez, as intenções presentes nos

³ Progressivo abandono de seus usos tradicionais e expulsões decorrentes de reflorestamentos com fins

vários espaços tornaram-se mais nítidas graças aos comentários de Benjamim Pereira. Ao dizer : « Eu gosto de tirar partido dos objetos », esclarecia em parte o significado do que chamara o *ditado* dos objetos: sua apreensão dos instrumentos agrícolas e a projeção espacial que lhe sugeriram. Não há n' *O Voo do Arado* efeitos cenográficos alheios à estética dos instrumentos : « discreta », no minúsculo desenho que decora a pá metálica de uma enxada; « aliviada », na redução máxima do peso de um carro de boi para as íngremes encostas do Douro; « exata », numa coleção constituída a partir de estudos etnográficos.

Com a leitura dos textos da coletânea *O Vôo do Arado* e com os comentários de Benjamim Pereira também tornou-se mais significativa a *profusão* e a *variedade* dos objetos exibidos. Embora « exata », a coleção provocava a estranha sensação de vertigem porque ela realmente confrontava o visitante da exposição a um « tempo longo », que há pouco acabou. Como em outras experiências em que se lida com o passado – e neste caso, com tudo que foi arquivado pela uniformização dos campos decorrente de uso generalizado de tecnologias químico-mecânicas industriais -, a beleza dos objetos também evocava sentimentos contraditórios de nostalgia e de recusa do tempo em fuga ⁴. E nesta confluência, a associação de objetos e, principalmente, os filmes e as fotos exibidas dissipavam em parte a melancolia reintroduzindo o quotidiano, ainda que passado, de homens e mulheres que criaram e utilizaram os objetos exibidos. E despertavam para o programa proposto por Fernando Oliveira Baptista : « Com memórias e heranças do tempo longo, mas também com a certeza de que o futuro não é apenas uma continuação do passado, tem agora de se moldar o território, procurando equilíbrios entre os seus diferentes usos e tornando-o um espaço onde os que venham da cidade e os que já o povoam possam, sempre, começar de novo » (Baptista 1996 : 74).

Através da associação de alguns objetos - um cântaro, um chifre para o azeite, um talho para o alho e uma foice - evoca-se a vida das antigas ceifas. Mas é sobretudo

industriais

⁴ Em outro registro, o de uma leitura que submete certas paisagens a « reflexões metafísicas » - que as apreende como « paisagens metafísicas » - Jean-Pierre Le Dantec comenta idéias e sentimentos suscitados por imagens que representam situações banais e corriqueiras para uma dada geração, fazendo parte de sua memória coletiva. Para outras gerações, no entanto, nada garante que a mesma imagem evoque associações semelhantes. Assim, ainda que sejam paisagens sem ruínas, esqueletos, inscrições ou elementos pastoris, são paisagens que logo o fazem pensar «*memento mori* », lembre que vai morrer (*Le Dantec 1997 : 20*)

através dos filmes e das fotografias que se veem os campos ainda povoados de homens e de animais, e as práticas rituais de sociabilidade.

Além do acervo dos pesquisadores, os filmes e fotos são respectivamente provenientes da Filмотeca da Direção- Geral da Agricultura e Planeamento, Ministério da Agricultura ; da Cinemateca Portuguesa ; do Festival do Filme Agrícola, organizado pela Câmara Municipal de Santarém ; dos Arquivos Audiovisuais e de Documentação, da Radio Televisão Portuguesa e do Arquivo Nacional de Fotografia.

Em pequenas colunas verticais, assim como num aparelho de vídeo convencional, são projetados filmes telecinados, de Benjamim Pereira e de Michel Giacometti. Do primeiro, já apresentado, um filme sobre festas nas vessadas e, outro, em que se assiste a competição de sonoridade nas malhas. Michel Giacometti, musicólogo originário da Córsega, viveu longos anos em Portugal, onde fez notável recolha de cantos populares (Giacometti 1981)⁵. Na exposição *O Vôo do Arado* eram exibidos alguns dos filmes sobre canções de trabalho – como as que acompanhavam o acionar de imensa roda d'água de madeira - da série « O povo que canta » que dirigiu e que foram produzidos pela Radio Televisão Portuguesa nos anos 70.

As fotografias⁶ que, ampliadas para até 1m x 1,5m, eram exibidas nas paredes e em painéis, atestam a importância atribuída à imagem pelos etnógrafos que começaram a percorrer o país no final dos anos 40. Depois do encerramento da exposição, se poderá continuar a ver grande parte destas imagens que foram reproduzidas na coletânea de textos ilustrados *O Vôo do Arado*. Elas são quase sempre essenciais ao entendimento do uso dos instrumentos agrícolas, à conformação das paisagens e ao ambiente das relações sociais. Retratos de indivíduos e de situações do passado, uma das fotografias condensa com precisão o que era o « espaço confinado » dos trabalhadores agrícolas alentejanos :

⁵ Este repertório constitui fonte utilizada por pesquisadores contemporâneos, como o agrônomo Manuel Belo Moreira que, ao analisar a « revolução do leite » em minifúndios do noroeste de Portugal, contrasta inovações técnicas e a organização cooperativa atuais à antiga relação direta entre produtores e consumidores, ilustrada por pregão recolhido por Michel Giacometti : « Até os anos 30, a ligação do produtor com o consumidor era imediata, ou muito próxima, contando, quando muito, com o leiteiro ou a aleiteira como únicos intermediários. O exemplo mais claro dessa proximidade é-nos dado pelos relatos dos produtores que, com suas vacas, percorriam as ruas de Lisboa e de outras cidades e, consoante os pedidos, as ordenhavam na presença do consumidor, conforme consta do *Cancioneiro Popular* , onde aparece a figura do leiteiro de Lisboa e o respectivo pregão : « Ó freguesa lá do primeiro, venha à vaquinha, cá está o leiteiro. Chega lá para baixo, chega » (Moreira 1996 : 437).

⁶ Dentre as 318 fotos reproduzidas em *O Vôo do Arado*, pelo menos 50 são de autoria de integrantes da equipe histórica de Jorge Dias.

uma praça de ceifeiros, à espera de contratação diária, controlada por policiais da Guarda Nacional Republicana (pág.47).

Várias dezenas de imagens reproduzidas na seção « Retratos localizados de mudanças », da coletânea *O Vôo do Arado*, atestam finalmente a importância que os pesquisadores mais jovens continuam atribuindo à fotografia. Com suas fotos, o Portugal rural contemporâneo ganha cores. São deles as fotos da gente idosa que conserva técnicas tradicionais na serra algarvia ; os retratos dos homens que celebram os Impérios, ou festas do Espírito Santo, que já não se realizam mais todos os anos nos Açores ; as imagens de frontões em cemitérios onde também se lê a história simbólica das classes sociais dos campos ; os flagrantes de cafés e tabernas em aldeias alentejanas, onde a « pluriactividade do desenrasca » já não afasta a inquietação em relação ao futuro ; a documentação de últimos casos de ajuda-mútua no Alto Minho. São deles as imagens dos novos tempos, a dos campos muito menos povoados e de onde o arado já alçou vôo.

Bibliografia

Baptista, Fernando Oliveira. 1996 - « Declínio de um tempo longo » in Brito, J.P. ; Baptista, F. O. e Pereira, B. (coord) – *O Vôo do Arado*, Museu de Etnologia / Instituto Portugues de Museus / Ministério da Cultura, Lisboa

Brito, Joaquim Pais de Brito .1996 « Coerência , incerteza e ritual no calendário agrícola » in Brito, J.P. ; Baptista, F.O. e Pereira, B. – *O Vôo do Arado, op. cit*

Giacometti, Michel . 1981 – *Cancioneiro Popular Português*, Círculo de Leitores, Lisboa

Le Dantec, Jean-Pierre. 1997 - « Divagations paysagistes » in *Séquences Paysages*, Ministère de l' Environnement-Hazan, Paris

Moreira, Manuel Belo . 1996 - « A revolução do leite no minifúndio do Entre-Douro-e-Mondego » in Brito, J.P. ; Baptista, F.O. e Pereira, B. – *O Vôo do Arado, op.cit.*

Pereira, Benjamim. 1996 - « Alfaias agrícolas » e « Fertilizantes » in Brito, J. P., Baptista, F.O. ; Pereira, B. – *O Vôo do Arado, op.cit.*